

Amefricanizar a filosofia é preciso: primaveras das rosas negras, vermelhas e coloridas em tempos de grande inverno russo

André Luis de Oliveira Mendonça¹

Para Fabiana Cozza e Rogerio Família, por me ensinarem, generosa e amorosamente, que com o Saber-Samba ninguém pode.

Resumo

Inspirado em quatro sambas que se referem, cada um em particular, a uma das quatro estações do ano, nesse ensaio eu defendo a tese de que a filosofia precisa se amefricanizar (pedindo licença para empregar a expressão cunhada por Lélia Gonzalez), a fim de que possa estar afinada com os chamados novos movimentos sociais (feminista, negro, indígena, LGBTQIAPN+, ecológico, veganista, antiespecista etc.) cujas lutas são protagonizadas pelos condenados da Terra e subalternos, que, com o colapso da representação, agora falam por si e se fazem escutar. Se a conjuntura política dramática é, por um lado, a de inverno russo do nosso tempo, há, por outro, a eclosão de diversas primaveras ao redor do mundo, especialmente das rosas negras no Brasil. Por fim, em sonho de verão ou com a chegada de novo outono, aposto no samba como uma filosofia genuinamente brasileira, aquela da resistência e re-existência, indispensável à sonhada reparação histórica em um país marcado ainda pela colonialidade fruto amargo do seu passado escravocrata.

Palavras-Chave: Filosofia Amefricana; Saber-Samba; Condenados da Terra; Subalternos; Revolução

Abstract

Inspired by four sambas that refer to one of the year's four seasons. In this paper, I defend the thesis that philosophy needs to amefricanizar (asking for permission to use the expression coined by Lelia Gonzalez) with the intent of being aligned with the so-called new social movements (as feminism, black, indigenous, LGBTQIAPN+, ecological, vegan, antispecies) whose fights are leads by the doomed from the earth and the subaltern that thanks to the representation collapse speak for themselves and make themselves to be heard. If the dramatic political conjuncture is, on the one hand, like the Russian winter of our time, there is, on the other hand, the emergence of many spring

¹ Doutor em Filosofia pela UERJ. Professor Adjunto do IMS-UERJ. Docente do PPGSC/IMS/UERJ e do PPGBIOS/UFRJ/FIOCRUZ/UERJ/UFF.

around the world, especially the black roses in Brasil. Finally, in a summer dream or with the arrival of a new autumn, I bet at samba as a genuine Brazilian philosophy the one from resistance and re-existence, imperative to the dreamed historical repair in a country still marked by the bitter coloniality product of your enslaver past.

Keywords: Amefrican philosophy; Saber-Samba; Wretched of the Earth; Subaltherns; Revolution

O Inverno do Meu Tempo

Nossas vidas/Muito sofridas, caminhos tortuosos/Entre flores e espinhos demais

Roberto Nascimento & Cartola

Estamos vivendo em plena era das catástrofes, das pandemias... O que significa dizer que essa tal modernidade nos levou a habitar ruínas devido a hábitos ruins, i.e., nas últimas décadas houve uma nova alvorada voraz da fome e da miséria, com crescimento exponencial das desigualdades, em meio a oásis de opulência em tempos de desertificação planetária. Mas, sem olvidar que agora se catalisa o medo proveniente dos “desastres naturais” como combustível de governança global (doutrina do choque), devastação sempre foi o teu nome, modernidade. Máquina de moer terra, gente e história há cinco séculos, a diferença é que agora a própria natureza se ergueu contra os desmandos do “progresso”. A pandemia da Covid-19 pode ter sido literalmente um alarme de incêndio na ‘aldeia global’ disparado por Pachamama: “Parem de nos maltratar ou vocês vão ver o que é bom pra tosse!”. Até o momento, ao que tudo indica, ninguém escutou os sinais da anunciação; a vida no planeta está voltando gradativamente ao velho normal patológico da produção consumista de vida, energia e valores de sempre. Em certo sentido, se hoje vivemos de fato sob os ditames da infocracia², durante a e agora na “pós” pandemia terminamos ficando mais acelerados do que nunca, tornando-nos como que voluntariamente servos privilegiados de desencantadas e distópicas GIRAZ (Google, Instagram, Riverbed, Amazon, Zoom...) do mal cibernético.³

Dramaticidade que ganha mais um tom de cinza com a Guerra Rússia-Ucrânia.

² Espécie de Matrix saída da ficção diretamente para a realidade, trata-se de conceito cunhado pelo filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, Byung-Chul Han, cuja obra com esse título, aliás, está para ser lançada no Brasil ao final de agosto de 2022.

³ Aqui, crio o acrônimo GIRAZ em sentido negativo e profano, só para lembrar, inspirado na feliz e afirmativa formulação de gira macumbística feita pelo filósofo popular brasileiro Rafael Haddock-Lobo (2020), que, por mais que pense o contrário, esse povo do Vale do Silício (o vale da sombra da morte e dos cemitérios cibernéticos) não está livre das encruzilhadas constituidoras do viver e morrer.

MENDONÇA, Ensaios Filosóficos, Volume XXVI - Dezembro/2022

A ameaça nuclear traz velhos fantasmas da “guerra fria” de volta...

Alguma coisa está fora da nova ordem mundial com a liderança de China-Rússia...

Novos bilionários como Elon Musk, Tesla, investem em missões marcianas. ‘Aqui quem fala é da Terra’: “Que se vayan todos [para Marte]”. Isso ao menos deixa evidente que, longe de serem negacionistas autênticos, bem pior é serem todos cínicos plenamente cômicos do aquecimento global e do risco nuclear, a ponto de buscarem abrigo alhures.⁴

Autoproclamado único fruto bom, belo e verdadeiro da árvore do conhecimento (iluminismo obscurantista?), torna-se cada vez mais inequívoco que o projeto da modernidade europeu, ao menos seu lado sagrado vitorioso, foi uma tentativa cínica e covarde de legitimar a um só tempo a dominação, opressão e exploração dos povos africanos/pindorâmicos (colonização e escravidão) e o ‘controle descontrolado’ da natureza (desmatamento e poluição). Animalizou-se negras/es/os e povos originários, para justificar a necessidade de “civilizá-los”; coisificou-se plantas e animais, para justificar a liberdade de “domesticá-los”. E a ciência desempenhou um papel decisivo nessa história ainda pouca contada da razão sangrenta. Ela não pode, portanto, seguir negacionista a respeito do lado sombrio de sua “luz”, até porque, em tempo, a revolta da natureza protagonizada pelo vírus veio cobrar justiça (MENDONÇA, 2020). No fundo, o que temos, agora como outrora, é o infeliz encontro entre razão sangrenta e razão cínica⁵. Encontro este de feras brancas que fica bastante patente na patética conjuntura nacional. A razão cínica de Paulo Guedes, que mata com seu austericídio expresso no “argumento” fingido de que a economia (entenda-se ideologia ultraliberal) é tão certa quanto dois e dois são cinco, segue de mãos sujas de sangue negro dadas às mãos sujas de sangue vermelho da razão sangrenta de Jair Bolsonaro, que mata com seu negaciocídio expresso no “argumento” descarado de que a ciência (entenda-se ideologia do Gabinete Paralelo) só é certa quando “comprova a eficácia” de cloroquinas. Na realidade, se a doutrina do choque fez escola mundo afora desde o Golpe de Pinochet contra Salvador Allende no Chile em 1973 – inspirado nos decrépitos Garotos de Chicago –, a pandemia era tudo que

⁴ Se há algo que não se deveria enterrar no livro *Onde Aterrar?*, de Bruno Latour, em que ele discute a questão ecológica e política do nosso tempo, é justamente ter salientado o negacionismo fingido das elites conservadoras. Estas estão plenamente cientes de que não dispomos mais de um “mundo comum” para habitarmos em função da mudança climática, a Terra seria só para usufruto de alguns privilegiados; daí inclusive a questão ecológica dominar praticamente toda a política no “Antropoceno”, ainda que sob o discurso da denegação.

⁵ Tomando emprestadas aqui as expressões cunhadas por Robert Kurz (2010) e Peter Sloterdijk (2011), respectivamente; com a ressalva de que, no caso de Sloterdijk, sou radicalmente contrário à sua proposta conservadora e agressiva de um retorno à razão insolente como suposto antídoto contra o cinismo imperante.

o neoliberalismo precisava para seguir seu violento trottoir, aproveitando o caos causado pelo vírus de modo a radicalizar o projeto de governança para o 1% da população mundial. Da lama moral ao caos pandêmico: os de cima subiram e os de baixo desceram...

A encruzilhada da história em que nos encontramos é dramática: enquanto escrevo (como as fortes emoções da conjuntura mudam a cada dia, ao sair o texto esta seção-estação já estará completamente datada, para o bem ou para o mal), Bolsonaro acaba de “discursar” em tom ainda mais alto perante embaixadores, insinuando que não aceitará derrota para “urnas eletrônicas fraudulentas”, acusando o golpe de antemão. A escalada da violência até as eleições de outubro promete aumentar, como o crime de motivação política no caso do tesoureiro do PT, Marcelo Arruda, dá todos os indícios. Não era para se esperar menos de um governo fascista ultraliberal que legitima e inspira – com suas falas carregadas de ódio, preconceito e escárnio – o feminicídio/violência doméstica contra as mulheres, o genocídio da população negra e dos povos originários, a violência contra a população LGBTQIAPN+, o desmatamento e queimada das florestas, o envenenamento por uso de agrotóxicos, o arrocho de trabalhadores, em lista infindável de atrocidades revoltantes. Seu medo mais “secreto” sabido de todas/os/es é que, ao perder o pleito eleitoral de 2022, haja um encarceramento em massa da sua república das milícias, a começar por sua família de “homens de bem”. O que provavelmente se dará, caso as pesquisas eleitorais dessa feita não errem tão fragorosamente. Por isso, ele segue de modo desesperado e desesperador tentando gerar uma atmosfera favorável ao autogolpe, contando com apoio armado de milicianos, bem como de parte das polícias e das forças armadas.⁶ Não dá para se iludir que não há mais conjuntura interna e externa propícia à “quebra da institucionalidade” (o que já houve, a rigor, desde o Golpe de 2016): obviamente, como sempre, dirão estar agindo “para preservar a democracia”, tais quais os milicos nos idos de 1960. Toda ditadura se apresenta como defensora das liberdades em risco e contrária à ameaça comunista/socialista, e blábláblá...

Independentemente da vitória e retorno de Lula à presidência em 2023 vinte anos após seu primeiro mandato da esperança – em prol da qual lutarei como um professor –, creio que nós das várias vertentes de esquerda no Brasil precisaremos, dessa vez e talvez de modo inédito, fazer uma autocrítica antes que daqui uns anos saia de novo o velho “jornal de segunda”:⁷ haveremos de convir que o advir do lulismo alckminsta é uma

⁶ A antropóloga Adriana Dias vem pesquisando, corajosamente, células neonazistas no Brasil. Centenas...

⁷ Expressão usada quando se faz uma leitura retrospectiva de interpretação dos fatos, onde frequentemente alguém tenta mostrar que já sabia de antemão o que iria acontecer.

aliança no mínimo esquisita, de modo que é “orar e vigiar”, incansavelmente, a fim de que em vez de transformar metais em ouro se volte a ocorrer ‘metal contra as nuvens’. Oxalá a história não se repita, temerariamente, como farsa; para tanto, mesmo ciente de que tudo que aprendemos com a história é que, infelizmente, nada aprendemos com a história, teremos de ter uma atuação nova, porque reconhecida e permanentemente “ambígua”, a de agir como situação e “oposição” tudo ao mesmo tempo agora! Dessa vez, ‘o povo brasileiro’ é que precisaria escrever, desde já, uma Carta ao Presidente.

Desafortunadamente, colocar as coisas nesses termos ainda é estar inteiramente refém do reducionismo da política ao aspecto eleitoral, à via “democrática”; se hoje essas coisas parecem inevitavelmente interligadas, basta lembrar que até 1964 a esquerda brasileira chegou a sonhar, aí sim, com a utopia e a revolução socialista/comunista; daí inclusive é que veio o duro golpe (até hoje estamos tentando assimilá-lo?), posto que estavam cientes naquela ocasião de uma ameaça fantasma real. Quase 60 anos depois, nunca mais voltamos a sonhar tão distante, tão alto... Quiçá, os yanomamis nos devolvam o direito de sonhar! E creio também que uma filosofia amefricana possa regar a raiz da árvore dos sonhos.⁸ Obviamente, a perda do sonho não aconteceu espontaneamente: o neoliberalismo ou, como é preciso ser mais preciso, o capitalismo selvagem dos últimos quarenta anos é uma máquina de guerra sistemática contra toda e qualquer iniciativa que supostamente lhe coloque em risco, contrariando todo o seu cínico discurso de multiculturalismo e tolerância às diferenças; assim como adota a estratégia de dominação pela docilidade, e não só pela violência, incorporando e domesticando os descontentes com o sistema, ou ainda, mais recentemente, instando as pessoas à autoexploração como se estivessem exercendo a mais plena liberdade de “empreendedores”.⁹

Parêntese final desse começo: sem ceder um milímetro sequer à retórica contra o “socialismo real” veiculada pelo “capitalismo com face humana”, é preciso reconhecer que uma utopia comunista só é desejável se já formos nas nossas ações a revolução que sonharmos. Não adianta vir falar belamente de igualdade e justiça social, adotando comportamento autoritário também! Não se trata de “moralizar” uma questão política

⁸ Sobre a árvore dos sonhos em particular e o sonho como o desejo do outro de forma mais geral, em total discordância com a interpretação psicanalítica euro-centrada, indico o belíssimo livro de Hanna Limulja (2022) sobre o papel central dos sonhos na cultura yanomami.

⁹ Aqui, novamente, Byung-Chul Han (2017) é de grande valia ao ter desnudado a dominação indecente onipresente na sociedade do cansaço. Pensamos estar agindo livremente, mas só fazemos (performamos) o que o sistema quer. “Liberdade” controlada, além de vigiada. Ou, para um olhar menos foucaultiano e mais marxista, conferir a produção mais recente de Ricardo Antunes acerca dos “privilégios” da servidão em tempos de condição infoproletária.

crucial, o que se espera no mínimo é coerência ético-política com os valores que se apregoa no sermão dominical. O vermelho e o negro: Comunismo e autonomismo.

Sublime Primavera

De uma árvore caída/Tem raiz que ainda teima no chão se agarrar/Que a esperança não duvida/Da sublime primavera perdida que vai chegar

Mauro Duarte & Paulo César Pinheiro

Para a nossa imensa e persistente tristeza, essa história de DOR (Dominação, Opressão e Repressão) também vem de longe. E, conforme já aludido, ela sempre contou com a legitimação científica, filosófica, ética e demais recursos “racionais e humanísticos” empregados pelo ocidente para justificar a barbárie.¹⁰ Em nome da “civilização”, “cristandade”, “razão”, “progresso” e diversos outros epítetos, tão bonitos em palavras quanto horripilantes na prática, o projeto da modernidade saiu em “gentil” cruzada contra os “gentios” que não se curvaram diante da deusa razão, essa razão quase enlouquecida contra quem supostamente dera adeus à razão. A estratégia retórica do poder, mais do que o poder da retórica, foi sempre uma repetição do mesmo a ponto de soar como se fora diferente: tendo em vista a interesses materiais e econômicos, via de regra escusos, a ciência moderna em aliança profana com o capitalismo e a Igreja criou o mundo à sua imagem e semelhança por intermédio do mecanismo de projeção de si no outro, gerando, assim, as bruxas (FEDERICI, 2017), os selvagens/primitivos (FANON, 1968), os orientais (SAID, 2007), os loucos (FOUCAULT, 1999) etc., “carecendo” de serem “educados”, “civilizados”, “humanizados”, i.e., dominados, oprimidos.

No que tange especificamente ao papel legitimador desempenhado pela filosofia europeia em prol da colonização e escravidão, ela forjou, em que pese a aparente disputa interna incessante entre suas diversas correntes (palavra que fala por si...), o universalismo (braço secular do catolicismo de Roma?) bem particular que tomava e toma a Europa como o padrão ouro do que deve ser o bom, o belo, o justo e o verdadeiro. A filosofia moderna, especialmente em sua formulação transcendental que começa em certo

¹⁰ Ninguém como a filósofa negra brasileira radicada no Canadá, Denise Ferreira da Silva, desencavou a racialidade por trás do discurso filosófico e científico moderno de maneira tão lúcida e contundente. Para um texto mais a mão, ver, por exemplo, o seu *Ninguém*, onde fica elucidada a desigualdade, discriminação e violência operadas pela racialidade desde o direito no século XVIII europeu até a política de “segurança” no Complexo do Alemão.

sentido com Descartes e se radicaliza com Kant e os idealistas alemães, postulou o axioma de que só a razão instaura o reino da liberdade, da autodeterminação, da qual a revolução francesa burguesa teria dado “provas”; ora, vivendo sob determinação do reino da necessidade (“acorrentados ao básico instinto”), prossegue o “sofisticado” raciocínio filosófico, os “primitivos” de outras partes do mundo são destituídos do bom uso da razão, devendo, assim, serem legitimamente tutelados pela Europa “Esclarecida” a fim de que se libertem; sem não antes acorrentá-los, literalmente. Isso se nos reportarmos exclusivamente ao cânone da história da filosofia moderna que, de Descartes a Hegel, exalta como geniais tão-somente homens brancos europeus, fazendo um esforço enorme para ocultar o que estava normalmente por traz de seus conceitos extremamente complexos e especulativos: o desejo de acabar com a subjetividade/“humanidade” do outro para se poder dominá-lo de modo “legítimo”. Ainda bem que as passagens claramente racistas e sexistas dos filósofos europeus modernos começam a ser desmascaradas, à medida que emerge um novo cânone historiográfico protagonizado por mulheres filósofas invisibilizadas cuja premissa maior consiste em não tomar mais ao homem como a medida de todas as coisas.¹¹

Não resta dúvida: esse universalismo europeu atravessou, por assim dizer, o pensamento filosófico de direita e mesmo de esquerda ao longo da história. “Universal” historicamente foi sempre, tanto para “progressistas” quanto para conservadores, a posse de um grupo privilegiado; em nosso tempo, a universalidade ou o global se exprime em termos do ‘clube da humanidade’ em que os únicos sócios aceitos são as grandes corporações (KRENAK, 2019). Julgo da maior importância esse movimento de autocrítica, que nos tira da defensiva, se quisermos avançar na teoria e na práxis. Particularmente, eu continuo gostando bastante da construção de pontes projetando unir mundos distintos no mundo, como as que são feitas entre marxismo e feminismo (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019)/marxismo e pensamento ameríndio (TIBLE, 2019)/marxismo e a questão racial (WEST, 2021), e por aí vai – todas

¹¹ No Brasil, felizmente, já existe inclusive a Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, cujo nome já diz tudo. Até pouco tempo atrás, parecia ser uma afronta usar o sacrossanto substantivo “pensador” no feminino, salvo em algumas raríssimas exceções como Hannah Arendt, Simone de Beauvoir, Simone Weil, como se pensar profundamente fosse um atributo exclusivamente dos homens. A propósito, fica a dica do livro *As Visionárias*, de Wolfram Eilenberger (mesmo autor de *Tempo de Mágicos*), em que o autor exalta toda a força política e filosófica de quatro pensadoras (Ayn Rand completa a lista juntamente com as outras três já referenciadas nessa nota) bem atuantes nos abomináveis anos nazistas (1933-1943). Ambos os livros valem o deleite sobretudo por conectar o pensamento dos filósofos (no caso, Walter Benjamin, Martin Heidegger, Ludwig Wittgenstein e Ernest Cassirer) e das filósofas às suas próprias vidas e ao contexto político mais amplo de sua época, o que, infelizmente, é raro hoje em dia devido à exacerbada institucionalização acadêmica da filosofia cada vez mais apartada do ‘mundo real’.

estrategicamente potentes no sentido de, sem se abrir mão da “luta comum”, buscarem à superação do “universalismo” de esquerda que apagava as diferenças com a noção de “classe” –, embora eu também entenda perfeitamente as razões dos posicionamentos de rechaço à crítica marxista feita por “identitários” considerados radicais. Quem não é “identitário” que atire a primeira pedra? Branco por acaso é neutro? Nem na cor... Mesmo nas discussões pretensamente profundas, muita barafunda se faz ainda quando se tenta “aclarar” (branquear) essas noções de diferença, identidade, universal, particular, relativismo etc., pois, normalmente, o que acontece é se colocar, ou de fato estar como costuma ser o caso, em um ponto de vista privilegiado de poder que não problematiza a si próprio.¹²

Deixando o retrovisor do carro nada alegre da história um pouco de lado e voltando a radicalizar na direção do jornalismo filosófico sobre o presente, já entrou setembro em pleno julho enquanto escrevo e a boa nova anda nos campos e cidades do Brasil afora. Sol de primavera nos dentes chegou em meio ao inverno rigoroso, é só abrir a janela do seu peito e inventar contra a mola que resiste...

Ao contrário do que a esquerda mais convencional reclama, a dita nova esquerda tem consciência para ter coragem de se diferenciar da direita em praticamente tudo.¹³

Acusar a “nova esquerda” de reivindicar direito ao consumismo enquanto pensa estar lutando por direitos me parece uma culpabilização, se não desonesta porque excessivamente generalizada, no mínimo incompreensível. Subalternas/es/os falarem por si mesmas/es/os parece revolução, e é; não é neoliberalismo. Quem não reconhece o reconhecimento como um valor é porque sempre falou e foi ouvido pelo “simples fato” de ser branco, preferencialmente homem hetero...

O ponto é que, dialeticamente, face ao tempo da cólera, uma nova esperança vem florindo, além da revolta de Gaia, das sublevações dos condenados da Terra. Se o projeto da modernidade criou o universalismo europeu de querer vestir tudo e todas/es/os dentro do figurino engomadinho do homem branco heterossexual, o projeto “não-moderno” (ainda sem nome, ou melhor, com muitos nomes como deve ser o caso) está originando um universalismo pluralista de representação de múltiplas identidades – ou pluriuniversalismo (GROSFUGUEL, 2008). Chamado equivocada e preconceituosamente de identitarismo (não seria o universalismo europeu o verdadeiro “identitarismo”, posto que

¹² Todas as loas a Fernando Fragozo (no prelo) por ser exceção na filosofia a essa regra.

¹³ Convenhamos: com todo o respeito àqueles que vieram antes, parte da esquerda deu e persiste em dar as mãos à direita no que diz respeito ao antropocentrismo/especismo, patriarcalismo, sexismo...

pautado por uma única e exclusiva identidade, a do homem branco?), são justamente negros/as, indígenas, mulheres, aqueles historicamente considerados os “menores” necessitando de tutela e controle, que estão construindo lindamente um novo projeto civilizatório em que cabem todas/es/os dentro das vestes que se queira ou não usar. Os movimentos negro, indígena, feminista, LGBTQIAPN+ colapsaram a representação política moderna hegemônica e estão agora falando por si mesmos, e se fazendo escutar. Podem, sim, as/es/os subalternas/es/os falarem sobre seus próprios corpos, desejos, sonhos, e como querem andar suas vidas, individual e coletivamente falando! Houve também, por que não dizer?, um colapso da representação da natureza relativo à ciência, que, até então, era o único saber autorizado a falar em seu nome. Quem, senão aquelas e aqueles que vivem historicamente em harmonia cósmica com a terra (indígenas, quilombolas e demais povos tradicionais), pode falar pelos direitos dos animais, plantas, rios e montanhas?!¹⁴ Abaixo o desenraizamento e desencantamento modernos!

Despertar para o sonho: reconhecendo minha condição privilegiada, ainda que de origem periférica, de homem branco heterossexual (racializar-se é preciso!), filho de uma saudosa mãe “parda” lavadeira de roupa para fora e de um pai branco operário de uma falida fábrica de máquinas de escrever, sendo o único com diploma de nível superior em uma família de nove irmãos, desejo seguir travando o bom combate das ideias na academia me vinculando, sempre que julgarem pertinente e legítimo, às lutas antirracista, feminista, LGBTQIAPN+, ecológica, veganista e antiespecista, entre tantas outras protagonizadas pelos chamados novos movimentos sociais (apesar de suas lutas seculares).

Pedindo licença à memória ancestral de Lélia Gonzalez pela apropriação, desejo ao fim e ao cabo de guerra lutar por uma filosofia amefricana (a América Latina é, na verdade, Améfrica Ladina: mais do que de origem europeia, sua raiz cultural mais profunda é ameríndia e africana; daí, ladinamente, se tomar de volta o que é nosso) que possa amalgamar, sem reduzir umas às outras, todas essas lutas em busca de um novo paradigma civilizatório de inclusão de todos os seres vivos, sem aceção preconcebida de raça, gênero, orientação sexual, religião, cultura, protagonizado por aquelas e aqueles que foram historicamente oprimidas/es/os e exploradas/es/os pelas nações ricas, classes

¹⁴ Para motivo de imenso regozijo *florastral*, vem saindo uma profusão de livros sobre a agência dos não-humanos, sem querer adotar aqui o linguajar pretensamente amoderno latouriano; referencio aqui apenas o já clássico *O Manifesto das Espécies Companheiras*, de Donna Haraway, e a bela obra coletiva *Vozes Vegetais*.

dominantes e grupos privilegiados. Luta essa a ser travada especialmente com as armas conceituais das perspectivas histórica, sócio-cultural e filosófica, no afã de contribuir com a maior visibilidade de outros tipos de ethos social, outras cosmovisões, a começar por aquelas que não valorizam tão-somente a “visão” senão a vida coletiva em todas as suas infindas dimensões do corpo e do *espírito*.

O sonho é o de cultivar uma ciência amefricana na árvore de novos e ao mesmo tempo tradicionais saberes, descolonizando mentes, corpos e espíritos, nessa nossa academia ainda tão eurocêntrica e, mais recentemente, submissa ao padrão estadunidense naquilo que tem de pior, o seu utilitarismo imediatista.

Até mesmo, ou sobremaneira, nos programas de pós-graduação, o que ainda nos domina é uma forma(ta)ção completamente colonizada pela produção de conhecimento oriunda do chamado Norte Global, em uma geopolítica epistêmica assaz assolada. Nossa organização social do conhecimento nas últimas décadas, ao tentar emular de modo subordinado os modelos europeu e estadunidense, acabou engendrando aqui aquilo que pode ser jocosa e tristemente cunhado de capestalismo lattesfunditário, responsável por uma sanha produtivista que insula grupos de pesquisa em seus respectivos feudos epistêmicos, além de acirrar a disputa entre colegas (competidores em potencial) em sua busca desenfreada por recursos financeiros para a pesquisa. Se hoje, com o fascismo bolsonarista, as verbas minguaram desastrosamente, não se pode esquecer que a vida acadêmica não era de todo boa antes: o sofrimento psíquico e os problemas de saúde mental de discentes e docentes, para não dizer que falei de suicídios, decorrentes do produtivismo acadêmico toyotista já estavam aí tirando literalmente o nosso sono e roubando nossos sonhos. Em contrapartida, sem esquecer também, principalmente, de que foi no período do lulismo que negras(os), indígenas, quilombolas, população LGBTQIAPN+ começaram a adentrar a torre de marfim e, em seguida, a se emaranharem nos labirintos dos programas de pós. A encruzilhada continua...

Uma consequência “natural” e indesejada do produtivismo, não apenas, mas especialmente na pós, é a pouca reflexão que se faz sobre projeto pedagógico e formação, pois, em (des)virtude da ênfase na pesquisa, termina-se por se pressupor que já “somos todos formados”... Sem se discutir ‘questões pedagógicas’, é inevitável que se acabe reproduzindo “inconscientemente” modelos educacionais de inspiração positivista no sentido mesmo da educação bancária de se querer como que depositar cheques nas cabeças das pessoas, isso para não entrar aqui na dramática situação dos processos de orientação opressivos em que orientadores tentam encaixotar orientandas/es/os nas suas

linhas de pesquisa de forma elitista e autoritária. Paradoxalmente, mesmo professores/orientadores afinados com o tal do pensamento crítico costumam reproduzir, “ingenuamente” e/ou comodamente, o padrão de transmissão vertical de saber...

Sintonizado com as canções de primavera compostas pelas teorias e práticas de Paulo Freire e bell hooks, minha aposta é a da busca coerente em direção a uma pedagogia transgressiva que vise à indisciplinaridade (implosão de todo e qualquer tipo de fronteira que hierarquize o viver acadêmico): com o sonho de manter o eterno coração de estudante, desejo me aquilombar com estudantes e colegas rumo à construção de práticas de ensino/aprendizagem horizontais e dialógicas para além da mera beleza dessas palavras.¹⁵

Oxalá cheguem cada vez mais gente da população negra, povos da floresta, população LGBTQIAPN+ nas universidades para que possam ser as/es/os verdadeiras/es/os protagonistas de uma ciência/filosofia amefricana. No que compete a mim, meu sonho é poder me irmanar de corpo e alma às suas lutas, transformando a mim mesmo na interação privilegiada com elas e eles em suas respectivas lutas coletivas por liberdade e justiça racial/social.

Colchete dentro do parêntese do final da seção-estação anterior: parece mesmo verdade, até no propalado filme “Não Olhe para Cima”, o fato de soar mais razoável seguir acreditando no *apocalipse now* de sempre do que no fim do capitalismo... No entanto, creio eu que uma revolução já está em curso com o advento da fala pública sem volta atrás dos condenados da Terra, o que só “nos” daremos conta quando já estivermos caminhando – tal como no magnífico romance da escritora polonesa Olga Tokarczuk – *Sobre os Ossos dos Mortos*.

Nas duas próximas seções-estações, acalento primeiro o sonho de verão duradouro de uma filosofia amefricana, em seguida o acalento do samba como a filosofia genuinamente brasileira a embalar nossa amefricanidade. Para manter o caráter onírico, conto o sonho meu de modo breve na forma de fragmentos.

Samba de Verão

Olha, é como o verão/Quente o coração/Salta de repente para ver/A menina que vem

Marcos Valle & Paulo Sérgio Valle

¹⁵ Mesmo tendo lido apenas parte da produção vultosa dos dois, não tenho pudor de dizer que a obra completa de ambos é obrigatória; sendo que aqui estou me referindo basicamente à *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, e à trilogia pedagógica de bell hooks: *Ensinando a Transgredir*; *Ensinando Pensamento Crítico*; e *Ensinando Comunidade*.

Saí da filosofia e encontrei abrigo ou a briga na saúde coletiva...

De início, eu me cansei da CIA (Comentarismo Internalista de Autores), a polícia epistemológica que vigia se os “iniciados” estão observando bem as regras de ‘comportamento geral’ diante dos “Pensadores”; depois, foram eles (os agentes da CIA), como ficou evidente na minha qualificação de doutorado (“Seu projeto pode até ser bom, mas não é filosofia...”), que se cansaram de mim. A des- atração fatal foi recíproca.

Ter um nome é importante para dar sentido (resquício de colonialidade do pensamento?): vivia sob colonização mental e não me dava conta, só sentia um mal-estar da cultura filosófica europeia em um corpo que pegava trem para ouvir avidamente meus mestres falarem de coisas bem distantes de mim. Agora eu sei, caetanamente; ou não: filosofar, DE MODO EUROPEU, realmente só é possível em alemão (francês, inglês, grego...); puro truísmo (só não tenho uma ideia incrível para fazer uma canção...). Mas (ou, por isso mesmo), por mais óbvio ululante que soe hoje (não o era antes), sempre existiu e continua existindo filosofia em outras partes do mundo (“periférico”).

Não sei nem se devemos manter a preocupação em defender algo chamado filosofia: mesmo se concebida em perspectiva pluralista (filosofia africana, filosofia indígena, filosofia oriental...), fica parecendo sempre uma vocação de pessoas iluminadas, especiais...

Da mesma forma, “pensamento” me soa sempre como uma faculdade pertencente a seres beirando à divindade... E não dá para aceitar mais aquele blábláblá de que muitos pensadores reconheceram ser a filosofia algo comum a todo ser humano: “Todo homem é filósofo de algum modo”...

Como reconheço que muita água precisa rolar nesse moinho da história até que não precisemos mais colocar etiquetas pomposas nas práticas de SAPIÊNCIA, ao menos devemos batizá-las com um nome pelo qual valha a pena lutar. Por que não filosofia amefricana, uma forma de sentir, pensar, agir, ser no mundo que nos unifica histórica e geograficamente, especialmente por ‘amefricanidade’ reconhecer o protagonismo dos de baixo em um continente que foi coberto, e não “descoberto”, pelos europeus com as vestes do pecado das partes de baixo?

Dá muito alento quando vejo essa inspiração transpirar bons ares em outros lugares, como já acontece, por exemplo, com a proposta de um direito amefricano (THULA, 2019).

Na filosofia, independentemente do qualificativo “amefricana”, é lindo de ver irromper raízes “decoloniais” em várias partes do Brasil, como a filosofia africana pulsando fortemente na Bahia e em Brasília, e bem pertinho de mim a Filosofia Popular Brasileira ganhando as ruas.

Mais do que “assassinar” os assassinos do sol (apropriação totalmente livre da outra história da filosofia, narrada pelo professor Márcio Tavares d’Amaral), o importante é termos um sonho de verão filosófico que, livre do curto tempo de mais uma moda acadêmica ou de um mero encantamento passageiro, dure o tempo necessário para que haja um acerto de conta com o nosso passado de escravidão. Uma filosofia amefricana tem uma tarefa histórica a desempenhar em busca da reparação com aquelas e aqueles que foram e são sistematicamente vilipendiados e usurpados do ponto de vista material e espiritual.

A flechada da pensadora Lélia atingiu o alvo em cheio (GONZALEZ, 1988; 2018): quer queiramos ou não, no fundo, o Brasil já é amefricanizado desde a época da mãe preta, o que falta é superar a nossa neurose cultural de sermos amefricanos, como a nossa memória histórica nos lembra e a nossa condição geográfica nos situa, enquanto a nossa “consciência” finge sermos, os brancos, europeus.

Como sonhos convivem com a contradição pacificamente, posto que sua lógica emula a vida *real* do real ou o real imita a vida onírica (os yanomamis explicam o que o Doutor Freud nem sequer ousou sonhar), fecho o ciclo das estações insinuando que talvez nem precisaríamos de uma filosofia amefricana se assumíssemos que já temos uma filosofia genuinamente brasileira, o samba. Quem tiver olhos de ver,¹⁶ olha ele aí, o samba...

Outono Chegou

O outono chegou/O fogo do verão acalmou/O olhar que queimou/
Não reflete esse ardor

Paulo César Pinheiro & Wilson das Neves

A filosofia em particular e as ciências humanas em geral, assim como as ciências sociais, há tempos estão estudando o samba com a devida valorização e malemolência. Iniciativas que vão de tentar explicar o “mistério do samba” ao objetivo de evidenciar o

¹⁶ Tomando emprestada a expressão de Jurema Werneck – que, por sua vez, pegou de sua mãe – usada na aula magna “As Ialodês do Samba Segundo Jurema Werneck” (in: https://www.youtube.com/watch?v=KbJMkA_OMFE&t=495s), cujo mote foi seu livro (2020).

papel do samba na construção da identidade nacional, passando pelo olhar original de pensar o samba afinado com afroperspectivas filosóficas (SILVA, 2015).

Aqui, a contribuição seria a de propor que comecemos a pensar o samba como uma filosofia nossa, sem carecer de metanarrativas que o “expliquem”, ele fala por si. É só ter olhos de ver a gente do samba falar, sambar...

Na dramaticidade da hora atual, 200 anos após a “Independência” e 100 anos depois do brado modernista, a colonialidade segue como uma estrutura entranhada de dominação. Mas o samba é escola de resistência e de re-existência de um povo que produz o show e assina a direção. Ele agoniza, mas não morre. Samba negro, expropriação branca. Todavia, pela via toda os novos condenados da Terra te socorrem e não deixam o samba morrer, o sonho acabar.

Mesmo com toda a lama do perigo sedutor global, que primeiro diz que não somos racistas e depois usurpa e deturpa as pautas como se fosse antirracista desde sempre à la Princesa Isabel, a gente vai levando essa chama negra. ‘Que tal um samba no seu coco’, você que se acha “o branco mais preto do Brasil”?

Na noite anterior ao começo da (in)disciplina Saber-Samba, que eu tenho o prazer e a honra de dividir com minha mestra Fabiana Cozza e meu mestre Rogerio Família, aos quais dedico esse texto, eu praticamente não dormi por conta da ansiedade de me saber estar face a face com aqueles momentos decisivos na vida. Não dormi, mas sonhei acordado e fiz o “poema” abaixo (aspas porque não sei nomear o que fiz), que, oxalá, há de virar realidade porque terá sido um sonho coletivo:

Dois Tempos ao Mesmo Tempo

Ou

A Hora e a Vez do Saber-Samba

É um tempo invasivo, de “Big Dados” onipotentes

É um tempo transgressivo, de pessoas incontroláveis de tão potentes

É um tempo maquínico, de robôs oniscientes

É um tempo macunaímico, de gente heroica luminescente

É um tempo reificante, de mercado onipresente

É um tempo vivificante, de trocas de valores transcendentais

É um tempo espinhoso, de total desertificação

É um tempo frondoso, de plantas em revolução

É um tempo brutal, de criminosa devastação
É um tempo astral, de cósmica vastidão
É um tempo urbano, de cidades em colisão
É um tempo krenakiano, de pindorâmica coalizão
É um tempo desesperador, de retorno do fascismo
É um tempo renovador, de retomada do utopismo
É um tempo aviltante, de excitação do sexismo
É um tempo verdejante, de primavera do feminismo
É um tempo odioso, de agravamento do racismo
É um tempo amoroso, de gravar na mente o pan-africanismo
Um tempo finge que condena o terror da guerra
O outro tempo age pela paz da igualdade na Terra
Um tempo agoniza em sinal de que já vai morrendo
O outro tempo ainda chora, mas só porque está nascendo
Um tempo se achava bamba, mas era a encarnação do mal
O outro tempo é saber-samba, parindo reparação ancestral

Agradecimentos

Agradeço ao doce encorajamento dado por três amigas e três amigos que leram a primeira versão, quando esse texto ainda era um Plano de Trabalho requerido no processo de incorporação ao corpo docente do PPGBIOS: Mariana D’Acri, Nilcéia Figueiredo, Veronica Queiroz, Felipe Dourado, João Pedro da Silva e Paulo Paraizo. Muito bom privilégio poder contar com o incentivo de vocês!

Um agradecimento especial a Marcelo Moraes, por ter me estimulado de modo carinhoso e irrecusável que eu submetesse/publicasse o texto, também quando ainda era “mero” Plano de Trabalho. Gratidão pela gentileza, confrade de Filosofia Popular Brasileira!

Referências bibliográficas

ARRUZA, Cinzia ; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

EILENBERGER, Wolfram. *Tempo de mágicos: a grande década da filosofia: 1919-1929*. São Paulo: Todavia, 2019.

_____. *As visionárias: quatro mulheres e a salvação da filosofia em tempos sombrios: 1933-1943*. São Paulo: Todavia, 2022.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

FRAGOZO, Fernando. *Da identidade do homem: antropoceno e filosofia*. Prelo.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 1977.

_____. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 1996.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, 92/93 (1): 69-82, 1988.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Gonzalez L. *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GROSGOUEL, Ramon. Para um pluri-versalismo transmoderno decolonial. *Tabula Rasa*, n. 8: 199-216, 2008.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Os fantasmas da colônia: notas de desconstrução e filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

_____. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.

_____. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KURZ, Robert. *A razão sangrenta: ensaios sobre a crítica emancipatória da modernidade capitalista e de seus valores ocidentais*. São Paulo: Hedra, 2010.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomamis*. São Paulo: Editora Ubu, 2022.

MENDONÇA, André. A re-volta dos vagalumes. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 30(2): e300207, 2020.

OLIVEIRA, Joana et al. (Orgs.). *Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu, 2020.

PIRES, Thula. Direitos humanos e améfrica ladina: por uma crítica amefricana ao colonialismo jurídico. *LASA Forum*, 50 (3): 69-74, 2019.

SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Denise. Ninguém: direito, racialidade e violência. *Meritum*, v. 9 (1): 67-117, 2014.

SILVA, Wallace (Org.). *Sambo, logo penso: afroperscetivas filosóficas para pensar o samba*. Rio de Janeiro: Hexis/Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

LOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Lisboa: Relógio D'Água, 2011.

TIBLE, Jean. *Marx selvagem*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

TOKARCZUK, Olga. *Sobre os ossos dos mortos*. São Paulo: Todavia, 2019.

WERNECK, Jurema. *O samba segundo as ialodês: mulheres negras e cultura midiática*. São Paulo: Hucitec, 2020.

WEST, Cornel. *Questão de raça*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.